



GERALDO DE JESUS TOLEDO – Chefe da marcenaria: "Cadeiras e carteiras chegam totalmente destruídas para recuperação e as escolas que mais depredam são do Plano Piloto"

PATRIMÔNIO DESTRUÍDO

Vandalismo custa R\$ 13 milhões

Estudantes das escolas públicas depredam uma média de 250 cadeiras por dia

Cristina Fausta

O vandalismo nas escolas públicas do Distrito Federal custa, por ano, R\$ 13 milhões ao cofres do governo, ou seja, são jogados no lixo R\$ 65 mil a cada dia do ano letivo, considerando 200 dias de aulas. A depredação de cadeiras e carteiras é uma constante nas escolas. O Núcleo de Recuperação de Mobiliário Escolar recebe uma média de 250 cadeiras quebradas por dia. A mesma média é devolvida para as escolas de todo o DF. Os 22 funcionários se esforçam para dar conta do volume de trabalho.

O recurso que se perde com vandalismo seria suficiente para para a construção de cinco novas escolas, com 12 salas de aula, semelhantes à Escola Classe Araponga, em Planaltina. A quantia também daria para cadastrar 108.333 novas famílias, com até dois filhos, no Programa Renda Minha. Ainda seria o bastante para pagar mais de 1,3 milhão horas/aula aos cinco mil professores substituídos do banco de reserva que começa a funcionar esse ano.

Para o sociólogo da Universidade de Brasília (UnB), Flávio Testa, a raiz do vandalismo está dentro das famílias. Segundo Testa, a falta de limites na infância é uma falha da educação que contribui para a má-formação do indivíduo.

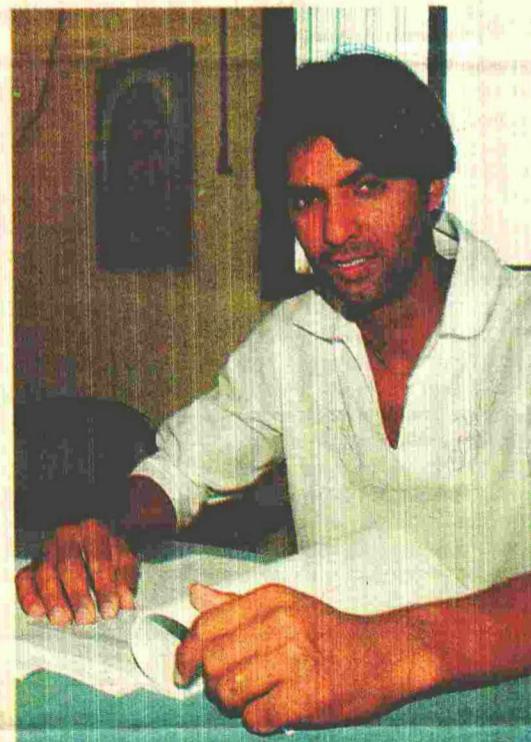
Tudo começa no âmbito familiar. Um criança que não respeita pai e mãe dificilmente terá um bom comportamento nas escolas. Hoje a educação é muito permissiva. Os filhos quebram brinquedos e ganham outros. Não há uma educação que o ensine a consertar ou reciclar esses objetos. Falta de limites na educação faz com que a criança reproduza esse comportamento na adolescência e na fase adulta – afirmou o sociólogo.

Testa reiterou que os pais e educadores têm de investir mais em consciência cívica.

– É importante que esses alunos saibam que estão tirando a oportunidade de outros estudantes de



EDNÉIA SILVEIRA – Diretora do Núcleo de Recuperação defende o envolvimento da família com a escola para resolver o problema



MURILO MARCONE RODRIGUES – Vice-diretor do Centrâo: "Os alunos são os guardiões da escola e ajudam a preservar o patrimônio"

terem acesso a melhores condições de estudo – arrematou Testa.

As escolas que mais depredam suas carteiras e cadeiras são as do Plano Piloto, segundo explicou o chefe de recuperação da marcenaria, Geraldo de Jesus Toledo.

Todos acham que maioria das cadeiras quebradas vêm das cidades satélites, curiosamente, os alunos das escolas públicas do Plano Piloto são os que mais depredam o patrimônio – afirmou Toledo.

Estado do mobiliário

As cadeiras e carteiras chegam ao núcleo totalmente destruídas. A maioria do material vem das escolas de ensino médio, o que significa que os alunos tem plena consciência de seus atos.

– Muitas chegam aqui só no ferro. Outras chegam sem encosto ou acento. Esse material não é quebrado por criancinha não. Os alu-

O recurso perdido dá para construir cinco novas escolas, com 12 salas de aula

nos do ensino médio são quase adultos – comentou Toledo.

Para diretora do núcleo, Ednéia Silveira é necessário que haja um envolvimento da família com a escola para resolver o problema. Ela listou uma série de benefícios que os estudantes poderiam ter, caso não acontecesse a depredação do mobiliário.

– Esse dinheiro poderia ser utilizados para informatizar as escolas, investir em oficinas para professores e alunos e melhorar o espaço físico – listou a diretora.

Iniciativas

A diretora contou que o núcleo estuda um projeto para fazer com que o próprio aluno recupere o mobiliário que depredou. A proposta é envolver o conjunto das direções das escolas, comunidade e a Secretaria de Educação.

– Eu não acredito que o aluno fique insensível ao ver esse monte de cadeiras que esperam por recuperação. Acho que se eles botassem as mãos na massa nunca mais quebrariam as cadeiras – disse a diretora ao mostrar as centenas de cadeiras que ficam dentro de um matagal, antes da reciclagem.

O secretário de Educação, José Luiz Valente, disse que há várias ações do governo em curso para frear a depredação na escolas.

– Temos o programa *Escola Consciente*, que tem como objetivo identificar os alunos que depredam as escolas e fazer com eles um

trabalho de conscientização para transformá-lo em um defensor da escola. Temos também o programa *Escola Aberta*, que envolve comunidade, alunos e professores. Esse programa permite que a comunidade possa usar a escola ao final de semana para atividades de lazer. Esse envolvimento reduz a depredação das escolas – afirma Valente. Hoje, há 50 escolas participando do programa *Escola Aberta*. A meta do governo é ter 150 escolas até o final do ano.

Modelo a ser seguido

Os alunos do Centro Educacional nº 02 de Taguatinga, o Centrâo, são exemplos a serem seguidos pelos estudantes do DF. Segundo o vice-diretor da escola, Murilo Marcone Rodrigues, os alunos são os guardiões da instituição.

– São alunos que ajudam a escola principalmente no que diz respeito a preservação do patrimônio. Isso é fruto de muito trabalho da direção, dos professores e servidores ao longo desses últimos cinco anos – afirmou Murilo Marcone.

No Centrâo, são os próprios alunos que reformam as cadeiras e carteiras quebradas e há um grêmio estudantil que trabalha junto à direção em todos os problemas da escola, segundo informou o vice-diretor.

– É mais fácil que uma pessoa de fora estrague a escola. Quando isso acontece, os próprios alunos identificam esses problemas e avisam a direção. O vandalismo no Centrâo é zero. Há quatro anos também não temos registros de brigas entre gangues dentro ou fora da escola – disse Murilo Marcone.

Durante o dia, a escola recebe alunos de ensino médio, com idades entre 13 a 18 anos. À noite, a colégio tem a educação de jovens e adultos, com alunos de 17 anos em diante.

Poesia

– Antigamente, passava boi, passava boiada. Hoje, só passa cadeira, é cadeira quebrada – diz o poema do professor Ivan Silveira Braga.